

Journal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR

Anno ou 52 numeros..... 2500 réis
Semestre ou 26 numeros..... 1600 »
Trimestre ou 13 »..... 700 »
Avulso..... 60 »

— ANNO I — 21 DE AGOSTO DE 1881 — N.º 27 —

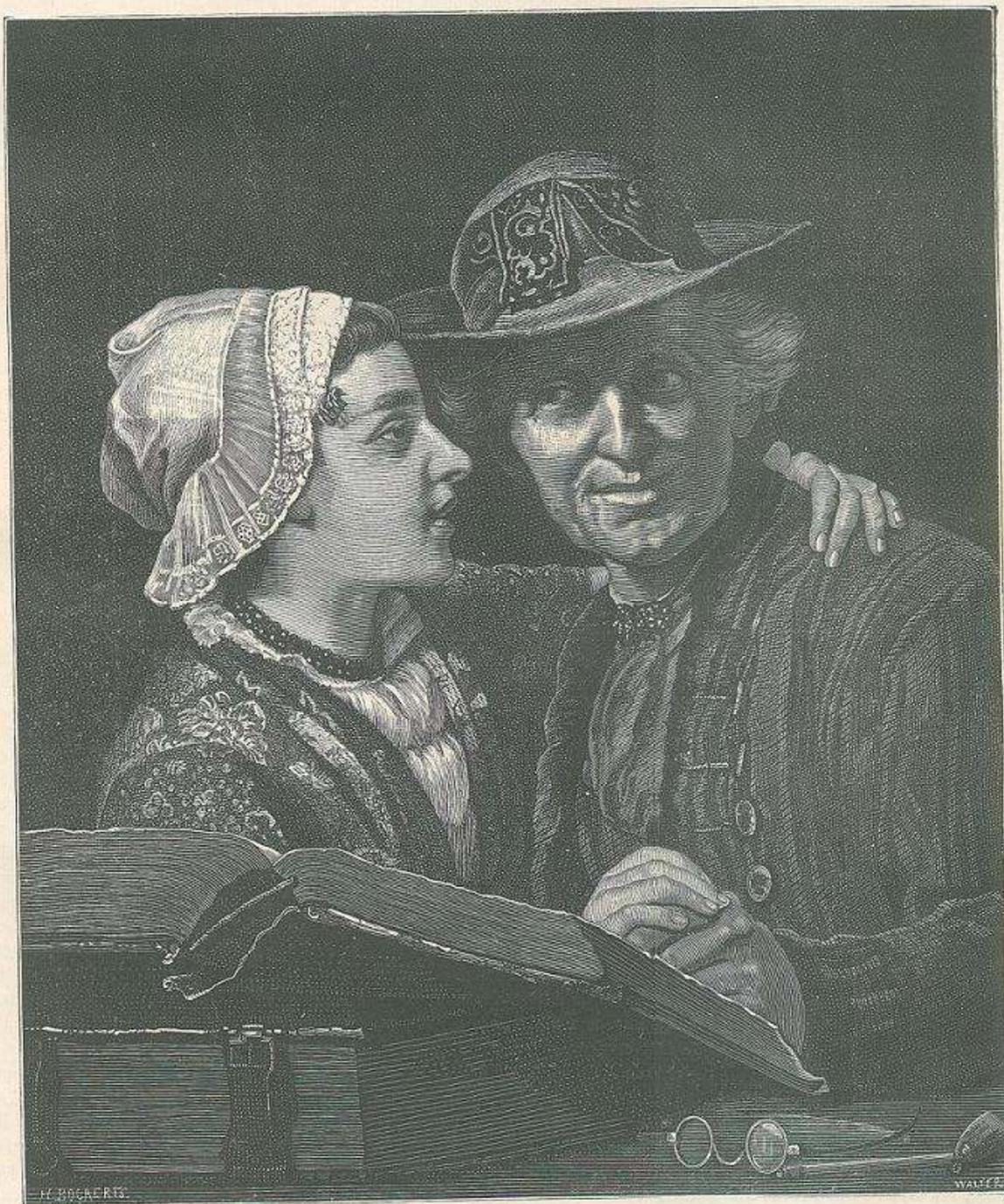
GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno ou 52 numeros..... 2500 réis
Semestre ou 26 numeros..... 1600 »
Trimestre ou 13 »..... 700 »
Avulso..... 60 »



ACTUALIDADES

Cain-me do céu Iriel, e o seu nome o indica. Eu estava nas Caldas da Rainha, não podendo obrigar os leitores do *Jornal do Domingo* a aceitar como suas as minhas actualidades, não podendo obrigar-os a interessarem-se pelos pequenos incidentes do Club, pelos meus passeios a Peniche, e vendo-me impossibilitado ao mesmo tempo de descrever-lhes as noites do Passeio, muito mais thermaes do que as das Caldas. Veio Iriel, o abençoado Iriel, com as suas admiráveis correspondencias-folhetins dar-me ensejo para inserir nas minhas *Actualidades* esta questão eternamente actual — a Arte.

«Os romances de Julio Diniz, escreve Iriel, são sentimentaes e idealistas, porque me não dão o aspecto verdadeiro das coisas, porque as alagam n'um fluido invisível de poesia que a natureza não possui e que só está na alma dos que assim a interpretam.»

Desculpe-me Iriel, mas essa mania do naturalismo de querer forçosamente apresentar o aspecto verdadeiro das coisas, observadas com uma impassibilidade científica verdadeiramente absurda, é o seu defeito, o seu vicio de origem, que o ha-de tornar estéril, qualquer que seja o talento d'esses que o representam.

Se a natureza não tivesse esse «fluido invisível de poesia», não haveria descrições, para só existirem inventários. Qual é o motivo porque o meu amigo pára extasiado diante de um pôr de sol formosissimo, de uma noite de luar admiravel, enquanto ao seu lado um burguez aparvalhado se conserva perfeitamente indifferente perante esse espectáculo? Uns e outros contemplam os mesmos objectos, mas não os vêem de igual modo. Julga por exemplo que todos os parisienses vêem na sua grande cidade os aspectos que Zola descobre na *Página de amor*? O que faz o meu amigo quando se extasia diante de um formoso espectáculo da natureza que deixa todos os outros insensíveis? O que faz Zola quando vê n'um espectáculo para todos banal e insignificante, Paris debaixo de chuva, uma verdadeira paisagem cheia de um pittoresco inesperado? Restituem as coisas esse fluido invisível de poesia, que o meu amigo declara que ellas não possuem. Esse fluido constitue, como diria Herbert Spencer, a *equação pessoal* do artista, essa equação pessoal, que é impossivel eliminar da propria observação scientifica. Um astrónomo nunca vê as estrellas na posição que ellas realmente occupam, porque os phenomenos da refração transmitem ao seu órgão visual uma imagem que não é rigorosamente a verdadeira, mas que é contida a imagem scientifica, a que serve de base a todas as observações e a todos os calculos. O artista vê também a natureza atravez d'esse fluido de poesia que lhe dá uma imagem que pôde não ser real, mas que é a que o impressiona e que é por conseguinte a que elle pôde e deve transmittir aos outros.

Heine viu cor de rosa um dos dias sangrentos da Revolução Franceza; pois, se o quizesse descrever cor de sangue, fazia um disparate, pretendia eliminar a sua equação pessoal, o que é absolutamente impossivel. Quem é que se pôde gabar de ter visto debaixo do seu aspecto verdadeiro, um d'esses dias da Revolução? Todos o viram atravez de um véo qualquer, não foi só elle. Saint-Just via-o atravez do véo azul da utopia, Jourdan Coupe-Tête atravez do véo vermelho da sua paixão sanguinaria, as victimas atravez do véo negro do seu horror e do seu lucto. E todas essas imagens são verdadeiras, porque nós não temos outro meio de conhecer a natureza exterior senão pela sensação, e não podemos transmittir aos

outros a sensação do que vimos senão transmittindo-lhes a noticia das nossas sensações. A batalha de Waterloo vista pela ordenança de Sthendhal que percorre as *Chateaux de France* a reductura do exercito francez entre as ambulancias e os feridos, contemplando com um fastio profundo essa mataca abjecta, é tão verdadeira como a batalha de Waterloo vista nos *Miseráveis* debaixo do aspecto de uma lucta épica, em que treme a terra ao peso das cargas heroicas dos couraceiros de Ney, e em que os quadrados da guarda tomam o aspecto sinistramente sublime de umas pinhas de fogo e de aço.

Se Julio Diniz vê a natureza atravez de um véo cor de rosa, vê-a Zola atravez de um véo cor de lama, se a Magdalena e a Guida são de uma superioridade extra-humana, Nana e Satin são de uma inferioridade igualmente extra-humana, se alguma aldea de Julio Diniz falla como uma litterata, os litteratos de Zola fallam como uns labregos, se Guida falla como o sr. Latino Coelho como nunca fallou nenhuma rustica por mais educada que fosse, o Fauchery de Zola, que é no *Figaro* o que o sr. Latino Coelho foi no *Farol*, falla como o sr. Latino Coelho nunca fallou, felizmente para os que se delectam com a sua conversação.

E as minhas duas velhas da casa de Henrique de Sousa? e o Pertunhas? e o Zé Pereira? e o morgado das Perdizes? e o conselheiro Seabra? e o João Semana? e a criada do doutor? e a tia Anna dos *Fidalgos*? e a D. Victoria? Deus do céu! pois tudo isso não são figuras immortaes, cheias de uma verdade profunda, palpitações de vida, e em cujas veias se sente correr vermelho e puro o sangue da realidade!

«E o dialogo, meu excellent amigo, diz Iriel, é um meio revelador tão poderoso como a descrição». Aos infelizes meu caro Iriel, aos infelizes e não a mim... Prêgue essa doutrina aos estopadores dos romances em 500 paginas que são capazes de descrever este mundo e o outro. Pois é nos dialogos exactamente que triumpho Julio Diniz, e não contesto que seja também esse um dos merecimentos de Eça de Queiroz, por quem sabe que professo a mais vehemente admiração. Mas eu confesso-lhe sinceramente que nos dialogos de Zola encontro uma tão pasmosa uniformidade, que difficilmente percebo quando abro a *Nana*, quaes são os personagens que estão fallando: se é o Fauchery, se é a Nana, se é Satin, se é o conde Muffat, se é a Sabina, se é o Fontan, se é o general Cambrome no quadrado de Waterloo. Todos usam a mesma linguagem que não terá o defeito de ser academica, mas nem por isso é mais variada e caracteristica. Eça de Queiroz é outra coisa, oh se é! mas esse perdõe-me, está a cem leguas do naturalismo, pelo menos do naturalismo que tem Zola por deus, e Huysmans por propheta. Diga-me se em toda a obra de Zola encontra duas physionomias como a do conselheiro Acacio e a da criada Juliana.

Enquanto propriamente á questão da verdade no dialogo também a esse respeito ha muito que dizer e muito que allegar. Por agora basta, e desculpe-me o ter levantado este incidente. Havia muito tempo que eu sentia a necessidade de reagir contra este desdem com que estava sendo maltratada a grande figura de Julio Diniz, um dos vultos mais notaveis da moderna litteratura portugueza, um d'aquelles cujas obras hão de ser sempre o enlevo e o encanto de successivas gerações, e hão-de sê-lo porque tem exactamente esse cunho potente de realidade, que tem feito viver em todos os seculos e cada vez com mais intensidade de vida, as obras de Shakespeare. As figuras, que aquelle grande artista arrancou da sua palheta, e não fallo em algumas das que Iriel

censurou, e em outras a que se não referiu, e que também me parecem feticias e rhetoricas, porque não ha escriptor impecavel, as figuras porem que elle desenhou com traços vigorosos e firmes, como o João Semana, como o Joãozinho das Perdizes, e dezenas de outras, essas hão-de ficar para sempre gravadas na memoria dos que uma vez as contemplaram.

PINHEIRO CIBAGAS.

AS NOSSAS GRAVURAS

UMA CONFIDENCIA. — É um quadro delicioso de A. Dillon, o celebre pintor beiga, o ultimo que elle pintou antes da sua morte. A galante rapariguinha está morrendo por dizer ao pai que ha na terra um gentil rapaz a quem desejeria ligar a sua existencia. Sabe que a sua confidencia não ha de ser mal acolhida, porque o sorriso e a alegria do elter indicam a ausencia absoluta de receio. A physionomia do pai confirma perfeitamente as supposições da filha. Não se lhe os olhos com a perspectiva de ter um genro que lhe agrade. Decididamente aquella confidencia é o prologo suavissimo de um doce poema de amor e de felicidade, só para o pintor é que foi o prefacio da lugubre tragedia da morte.

S. FRANCISCO DE BORJA DIANTE DO CAIXÃO DE IZABEL DE PORTUGAL. — Esta gravura, copia de um quadro notavel que figurou na Exposição de Paris de 1871, e que esteve para ser comprado pelo governo portuguez, por se referir a um assumpto que até certo ponto pertence á historia de Portugal, tem por thema um caso, que no dizer sentencioso de Candido Lusitano, nas suas *Taboas chronologicas e historicas dos reis e principes de Portugal*, «sábem os eruditos, e ainda os que o não são por ser muito vulgar.»

Como os profanos leitores do nosso tempo se occupam um pouco menos do que se occupavam os leitores do seculo XVIII das historias dos santos, e são capazes de não saber muito ao certo como foi que Francisco de Borja, passou de duque de Gandis e marquez de Lombay a geral dos jesuitas, e de geral dos jesuitas a santo, e como foi que interveio no caso a formosissima imperatriz de Allemanha, D. Izabel de Portugal, vamos contar-lhe o facto que é não só edificante, mas também realmente impressionador e notavel.

Teve el-rei D. Manuel duas gentilissimas filhas, uma D. Beatriz, que foi duqueza de Saboya, e que inspirou, segundo rezam as lendas amorosas e poeticas, ao trovador Bernardim Ribeiro, a mais infrene paixão. Era realmente formosissima e não nos adaira que Bernardim Ribeiro se finasse de amor por essa a quem se podia chamar como a Ignez de Castro o «collo de garça.» Não era menos galante D. Izabel, mas não teve a mesma lenda romanesca, não foi menina de namoricos, e aceitou em 1526 a mão do imperador Carlos V, que era n'esse tempo um bello rapaz de vinte e seis annos, que ficou deslumbrado, quando estando em Sevilha, viu apparecer essa portugueza de vinte e tres, bonita como o costumam ser as nossas patricias quando se resolvem a isso.

Ora Carlos V, que deve a Victor Hugo o ter uma reputação de tunante, que sóbe por escadas secretas para requestrar as Donas Soes, e que se mette nos armarios para ouvir as suas palestras com os bandidos que ellas amam, foi na realidade um principe que amou deveras e ardentemente sua mulher e que foi por ella vivamente amado. Como d'esse amor

no casamento nasceu o sombrio D. Philippe II, é o que se não comprehende facilmente. Phenomenos imperscrutaveis dos mysterios da geração!

A formosa imperatriz rainha não exercia só no animo de seu marido uma doce influencia. Todos os que se approximavam d'ella se sentiam captivos pelo meigo encanto que de sua bondosa physionomia irradiava, e Francisco Borgia pertencente á celebre familia que dera á historia dos crimes Alexandre VI, Lucrecia Borgia e Cesar Borgia, tendo ido para a corte da idade de treze annos, e tendo sido acolhido meigamente pela gentil imperatriz, votou-lhe o mais puro, mais respeitoso e dedicado affecto, e julgou que obtinha a mais alta de todas as recompensas quando, depois do seu casamento com D. Leonor de Castro, foi nomeado estribeiro-mór da filha do rei D. Manoel de Portugal.

Em 1539 morreu D. Izabel, tendo apenas 36 annos de idade, e a sua morte foi um dos golpes mais profundos que dilaceraram o coração de Carlos V. Amou-a estremosamente o grande imperador, e ainda quinze annos depois no convento de S. Justo passava horas esquecidas na contemplação da formosa imagem da mulher que amára e que lhe apparecia como que rediviva, graças á magia do pinel de Ticiano.

A imperatriz morrera em Toledo e Francisco Borgia e D. Leonor sua mulher foram encarregados de acompanhar o cadaver até Granada, onde devia enterrar-se. Ao chegarem a Granada, teve de se abrir, segundo o costume, o caixão para se reconhecer a identidade do cadaver; mas a decomposição já produzira os seus effeitos, e o rosto formosissimo da imperatriz estava transformado n'uma mascara horrivel; Francisco Borgia recuou assombrado. O que! pois de um momento para o outro podia perder-se assim essa belleza angelica! Esse rosto adoravel que inspirára a Ticiano uma das suas mais bellas obras, podia mudar-se n'um rosto hediondo! e n'esses olhos brilhantes apagar-se para sempre a chamma da vida sem deixar ao menos o vitreo reflexo da sua suavissima doçura! Passa devéras, como a relva dos campos, a mais gabada gentileza! Grandezas, formosura, riqueza, tudo o que mais admiram e veneram os homens, tudo é pó, tudo é nada, tudo se apaga e morre, como se apaga a luz de uma vela, com o sopro gelado da morte. Nunca mais se obliteraram da sua mente estes pensamentos sinistros. Começou a odiar as mundanidades, e a procurar de preferencia as solidões do claustro. Fundára-se n'esse tempo a ordem dos jesuitas com grandes rigores de meditação e de observancia. A novidade captivava todos, muito mais captivaria quem se achava tão disposto para receber a impressão mystica do novo instituto. Mas o tempo foi correndo, e debaixo da roupeta de jesuita voltaram a palpitar as ambições de politico. A ordem tambem não queria ascetas, queria ambiciosos, mas Francisco Borgia ou de Borja, se foi eleito geral, conservou sempre comtudo uma austeridade de principios, que justificou plenamente a honra que Clemente IX lhe fez canonisando-o, no anno 1572, trinta e tres annos depois da morte de D. Izabel.

AS JUVENIS SALTEADORAS. — O quadro é de Bouguereau, um dos mais notaveis pintores francezes modernos. Dispensa commentarios. Dois personagens. Uma rapariga dos seus treze a quatorze annos, outra mais nova. Quem plançou a campanha foi, é claro, a mais velha. Póz a irmã em cima do muro, para ella colher na arvore a boa fructa appetitosa, e mais appetitosa ainda por ser prohibida, por pertencer ao

visinho. A pequena volta da expedição atrapalhada e morta por bater em retirada. A outra estende-lhe os braços com a serenidade de uma veterana costumada ao fogo. Tudo é fresco e mimoso, cheio de realidade e de vida, n'esta formosa tela.

O DESTRUIDOR DE SERPENTES. — É um passaro australiano, terrivel destruidor de serpentes, que, sendo pequeno, não pôde atacar as serpentes grandes, mas que destróe as pequenas. Tem uma vista admiravel. Apenas divisa lá do alto dos ares uma serpente que lhe serve, desaba sobre ella, agarra-a fortemente pelo pescoco, levanta-a, deixa-a cair de uma altura enorme, cõe-lhe de novo em cima, encontra-a esmagada e come-a.

Como a voz d'este passaro se assemelha um pouco ao zurrar alegre de um burro, os australianos chamam-lhe *laughing-jacks*, burro que ri.

Mas é um burro util porque mata as serpentes, ao passo que a maior parte das vezes os burros fazem causa commum com ellas.

ROSICLER

VOZ INTIMA

Tudo a morte desfaz, até a esperanza;
Não amas, coração, baldado empenho!
Se é de lagrimas o arco da alliança,
É que ellas tem a luz que eu já não tenho.

Minh'alma é qual gigante catarata,
Que se despeña d'alto nos rochedos;
Ninguem acoita em seu lençol de prata,
Ninguem vá lêr-lhe os intimos segredos.

Minh'alma é um deserto, um ermiterio,
Onde nem fera dorme ou ave pouisa;
Tem no meio uma cruz de cemiterio
Que guarda um lyrio branco n'uma lousa.

A esmola d'um olhar doce, de luz,
Quando no mundo uma mulher me traz,
Eu vou sentar-me á sombra d'essa cruz
A illuminar-lhe a cova onde ella jaz.

Bella, loura mulher, se no outro dia
Extactico parei á tua porta,
É que o teu vulto angélico parecia,
A sombra esculptural da minha morta.

É que olhando-te a forma aprimorada
Pareceu-me vêr esboçado vagamente,
O seu cõllo de garça delicada
E aquelle seu perfil intelligente.

Segui o teu andar grave e sereno
Alheio até de mim, como esquecido,
Como o povo da Arabia enternecido
Seguia o caminhar do Nazareno.

E, se a dourada luz da tua trança
Me não pode animar de vida nova,
É que a minh'alma embala n'uma cova
Um cadaver mimoso de creança.

O RELOGIO DE PASSAROS

É amena a athmosphera; a primavera derrete o lençol de neve que cobre a terra e vac assenhoreando-se pouco a pouco dos prados cobrindo-os de flores, espalhando por toda a parte os seus perfumes, chamando dos paizes longiquos as aves que de novo correm aos ramos reverdecidos, então os seus cantos d'amor e sobem para os telhados e cornijas e vem ousadamente bater com as azas nas nossas janellas.

As aves são a minha paixão; a sua alegria descuidada deixa-me de *bom humor*; fazem-me esquecer da vida, quasi me parece, quando escuto o seu melodioso gorgeio, ou quando sigo com a vista os seus vôos, que me torno agil como ellas, que esvoaço no ar, que me acho n'um mundo novo sem dôr nem lucta, onde um pobre ninho feito de hervas e flores é um palacio sumptuoso, um grão de cevada, um manjar delicado; onde não ha hoje nem amanhã e se canta e ri sempre no meio da verdura dos campos, com o perfume da rosa e da laranjeira e debaixo d'um ceu eternamente sereno.

Gosto dos passaros: faço d'elles os meus amigos: conheço-os, quando atravessam no ar, pelo seu vôo, pela côr das suas pennas, pelo seu gorgeio e assim como Lineu, fez um relógio vegetal em que substituiu os ponteiros por flores e as horas eram indicadas pelos perfumes, tambem eu consegui combinar com os alegres habitantes do ar, um relógio musical que faz o seu officio regularmente nos caminhos e nos bosques. Lineu tinha o perfume, eu tenho a harmonia; não invejo a sorte do celebre naturalista.

Primeiro que todos, o rouxinol modilha o seu preludio, com um trinado bate as doze pancadas da meia noite. É o unico dos nossos musicos, que canta um *noturno* á natureza quando esta adormece. Os outros esperam pela volta da luz, não lhes basta o ouvir, querem tambem ver. É um capricho como qualquer outro.

O tentilhão é o mais madrugador de todos os outros. Canta as suas melhores arias entre a 1 e as 2 horas. A meia hora seguinte é da toutinegra. Esta deliciosa favorita da natureza é a Patti dos bosques, como o rouxinol o Rubini e o Mario, um Mario sempre a cantar. O rouxinol teria que temer a cantata sempre cheia de brio da toutinegra, se esta tivesse a respiração mais larga e mais forte, mas cança-se depressa e depois de soltar alguma nota brilhante, calla-se contente e descança sobre os loureiros. Das duas e meia ás 3 horas gorgeia a codorniz os seus trios. Quando se cala a codorniz das 3 ás 3 e meia, canta o pintaroxo, menos poeta que sua irmã a toutinegra, tem todavia algumas notas tão claras, tão melodiosas, tão argentinas!

Em comparação com todas estas, o melro é um grande preguiçoso. Entra no concerto apenas ás 3 e meia. Todos conhecem a força, estensão e melodia d'aquella garganta verdadeiramente maravilhosa; mas entre todas essas faculdades, é sobretudo notavel a facilidade com que aprende e repete as cantigas. Conta-se que no tempo da dominação austriaca, um bom patriota italiano, ensinava a um melro que tinha n'uma gaiola, o hymno de Garibaldi. Quando o seu discipulo conseguiu cantal-o na perfeição, o bom patriota abriu-lhe a gaiola e passado algum tempo não se ouviu nos campos de Venato senão aquelle hymno. Os melros tinham-se feito todos patriotas e cantavam em côro: fóra o estrangeiro, fóra o estrangeiro.

Das quatro e meia ás 3 o melharuco solta o seu canto agudo, estridente e pungente. O pardal, que é o ratoneiro dos passaros, não se levanta senão depois d'um bom somno.

Comparando-o com os outros cantores dos hos-

e vigia a nossa eira, que eu vou principiar o meu dia.

Das seis em diante o relógio não indica mais nada, ou para melhor dizer marca todas as horas do mesmo modo. Os gorgeios e os trinados confundem-

21 d'agosto de 1415 — Conquista de Ceuta

Commemorámos no ultimo Domingo historico um facto do reinado de D. João I e apesar do desejo que



S. FRANCISCO DE BORJA DIANTE DO CAIXÃO DE IZABEL DE PORTUGAL

ques, parece-me um burguez rico, o qual gosa voluptuosamente da manhã no calor tepido dos colchões. Dir-se-hia que sabe já que tem bastante tempo diante de si, para se dar todo á sua vida inquieta e buliçosa. Apenas são 3 e meia começa a chilrear e a dizer na sua linguagem: esperae meus senhores, esperae

se, misturam-se, cada um canta o seu canto sem rythmo a capricho, nos bosques, nos telhados, entre as flores; a cantiga da aldeia, o mugido dos bois, o chiar dos carros confundem e assemelham todos aquelles trinados d'alegria.

Tradução de M. M.

temos de tornar quanto possivel variada esta secção, somos forçados a ir buscar o assumpto d'este artigo á mesma epoca, porque indubitavelmente é uma das mais brilhantes e mais gloriosas da historia patria.

Terminada a guerra com Castella e assegurada a

independencia nacional não podiam accommodar-se com essa paz e quietação os filhos do vencedor de Aljubarrota porque ardião em desejos de ganhar as esporas douradas de cavalleiros em algum recontro serio com os inimigos.

paes, e D. João depois de considerar os prós e contras de tão arrojada expedição, decidio-se a levar-a a cabo e mandou a Ceuta dois capitães experimentados, com falsos pretextos, examinarem a cidade e tudo o que dizia respeito á marinha, para depois, em vista

contrassem nas costas da Galliza, Biscaya, Inglaterra e Allemanha.

A noticia do equipamento de uma armada portugueza tão numerosa fez tremer de susto alguns principes christãos receiosos de que contra elles se diri-



AS JOVENS SALTEADORAS

N'um dia em que os infantes conversavam com o conde de Barcellos sobre este assumpto, João Affonso, veador de fazenda d'el-rei, apontou-lhes a conquista de Ceuta como empresa digna dos seus esforços e como subido premio para o heroismo christão.

Communicaram logo os principes essa idea a seu

das informações assim obtidas, poder começar os preparativos.

Regressando os dois enviados consultou o sobezrano sua esposa e encontrando-a muito favoravel aos projectos dos filhos, apresentou a idea em conselho e tratou de alugar todos os navios grandes que se en-

gisse tão grande poder, mas D. João servindo-se de meios apropriados ás circumstancias em que se achava a respeito de cada um d'esses principes, foi-os tranquillizando a todos sem descobrir o verdadeiro ponto a que se dirigiam as tropas portuguezas.

Estava tudo prompto para a partida quando a mor-

te da rainha D. Philipa veio adiar a empresa e chegou a tornar duvidosa a realisação. Não podiam os infantes vêr assim posta de parte a idea que por tanto tempo haviam acenriciado e por isso logo depois do funeral da rainha trataram de reunir o conselho para ali debaterem a questão. Dividindo-se os votos foram os príncipes ter com o rei e este suffocando a dôr que lhe causara a perda da esposa querida, deu logo ordem definitiva para a partida da esquadra.

A 10 de julho 1413, depois de tantas contrariedades que muitos julgaram de mau agouro, começaram a descer o Tejo as naus e galés de uma das frotas mais numerosas que se tinham visto na península e a bordo da qual iam embarcados o rei de Portugal, os infantes D. Duarte, D. Henrique e D. Pedro, acompanhados da principal nobreza do reino.

Depois de varios contratempos chegou a esquadra diante de Ceuta, no dia 11 d'agosto, causando inmenso terror aos habitantes da cidade e ao governador d'ella, Salat-ben-Salat, que atemorizado com a vista de tantas embarcações se apressou a chamar em seu auxilio as tribus selvagens mas impavidas do deserto.

Uma tormenta que se levantou e a pouca segurança do ancoradouro fizeram com que a esquadra portuguesa levantasse ferro, e Salat-ben-Salat, julgando que os christãos se haviam retirado, despediu imprudentemente os auxiliares, mas d'ahi a poucos dias a armada portuguesa surgiu de novo em frente de Ceuta e tomaram-se as disposições convenientes para o ataque da opulenta cidade.

No dia 21 finalmente desembarcaram os nossos e depois de uma luta tenaz com os mouros cujas particularidades é impossivel memorar aqui, mas na qual patentearam claramente a sua valentia e coragem os infantes, o conde Barcellos, Vasco Fernandes d'Athaide e muitos outros guerreiros illustres da côrte de D. João I, a cidade cahiu em poder dos portuguezes e a bandeira de S. Vicente, a bandeira de Lisboa, tremulou no alto das muralhas da praça africana.

Foi essa a primeira conquista dos portuguezes fóra da Europa e foi esse o ponto de partida para as conquistas longinquoas da costa d'Africa. A tomada de Ceuta que enchou de jubilo e de admiração todos os estados christãos do Mediterraneo, foi a origem de vastos projectos, de ousadas empresas, de façanhas prodigiosas e abriu novo campo e deu uma nova direcção ao espirito e actividade de nação portuguesa. D'ahi por diante não se pensou em Portugal senão em expedições maritimas e, como diz Schœffer, Ceuta foi o primeiro fuzil da cadeia com que os marinheiros portuguezes cingiram a costa d'Africa e da qual o ultimo engastado em oiro se foi prender ao paraizo da India.

A. O.

HORAS DE OCIO

Lexicologia

Eixo, Ira, Ouro, Ora, Ida, Ente, Pá, Estro, Leito, Da, Eira, Ato, Brío, Arras, Rio, Ella, Ia, Agua, Rima, Ir, Rato, Orar, Ração, Eia, Terno, Unto, Mar.

1.º — Acrescentar a cada uma d'estas palavras uma inicial de modo que se formem outras palavras.

2.º — Formar com essas iniciaes um proverbio portuguez.

VIOLETA.

Embruhada mythologica

Formar o nome de uma divindade pagã, tirando uma tra la cada um dos nomes das seguintes divindades:

Venus, Cybele, Apollo, Minerva, Marte, Neptuno, Baccho.

UM OFFICIAL INFERIOR DE CAÇADORES 4.

Phantasia arithmetica

Um sujeito, encontrando dois caçadores, perguntou-lhes quantas codornizes levavam.

Respondeu-lhe um d'elles :

Se o meu companheiro passar da sua bolsa para a minha tantas codornizes quantas são as que lhe faltam para 40, ficarei eu com o dobro das que elle tiver, se eu lhe passar para lá tantas quantas me faltam para 51, ficamos ambos com um numero igual de codornizes.

Quantas levava um e outro?

SOUSA.

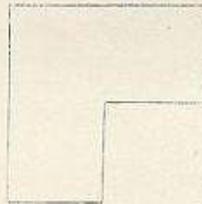
- Vogal
- Substantivo
- Verbo
- Pronome
- Nome proprio

a a a a a e e e e e e e i i i i o u u g g g
b b n n n m d d t s r

Com estas letras formar um proverbio.

Problema geometrico

Dividir a seguinte figura em quatro partes eguaes e com ellas formar um quadrado perfeito



..o a .a .ue e .e .ue e .e .e .ue .o
a a e

Juntando as consoantes formar um proverbio. 1

SEBASTIÃO CORREIA DOS SANTOS. (Alemquer)

NA SERRA DA ESTRELLA

(Carta d'um explorador)

Meu amigo.

Estamos prestes a partir d'estes sitios ignorados para o mundo e para a sciencia. Que de maravilhas descobertas! que de mysterios desvendados!

Abriu-se aos nossos olhos um outro mundo, uma outra região. Parecia a todos nós que entravamos nos paizes phantasticos dos romances de Julio Verne, onde a natureza é uma allucinação rubra d'uma phantasia ardentissima...

Que de cousas que nós esperavamos e que de cousas nós vimos!

É impossivel descrever-lhes o que se passou no

1 Publicamos novamente este problema por tersahido errado no n.º 26

nosso espirito. Já entrou n'uma casa forrada de espelhos, cheia de combinações de luzes e de cores, de espectros e de apparições electricas? Sae-se de lá com a cabeça perdida e são necessarios muitos mezes para coordenar-mos as nossas ideas!

Eis positivamente o que nos aconteceu!...

Na secretaria, no café, no theatro, no passeio, ou na corrida não se faz a minima ideia do que seja uma serra. Que cousa tão extraordinaria — uma serra, quando é muito accidentada! E que atrazamento em que ainda está!

Quer saber? Não encontramos lá em cima nem um americano, nem um caminho de ferro! Eu sempre imaginei que os *pincaros*, os *precipicios*, os *abyssos*, os *alcantis*, fossem exclusivamente palavras incorporreas para uso do Herculano ou do Garret. Pois não são, não senhor.

Mas tambem é forte coisa. Não encontramos nenhum *pincaro* que não fosse elevadado e agudo, nem encontramos nenhuma *cuniada* nas proporções do Aterro!

Na serra, lá no ultimo extremo, com grande espanto nosso, por julgármol-os derramados por todo o paiz, não encontramos um só amanuense. E a serra é de tão difficil accesso que vão lá passejar o leite todas as manhãs, as senhoras de Mangualde e de Manteigas. O impossivel para transpôr! meu amigo.

Quando tivemos as primeiras reuniões preliminares, na sociedade de geographia, nós esperavamos encontrar o indigena da serra nas condições de pelle vermelha.

Viamol-o de noite, apenas de tanga, o resto do corpo todo nu, bronzeadado, cheio de listas encarnadas e azues, o nariz atravessado por uma argola de ferro, as orelhas furadas por penas de abestruz, penas multicores na cabeça e nos pés, olhando para Manteigas com uma expressão feroz do urso com muita fome de carne. Viamol-o sempre assim!

Mas não; o indigena aqui é todo outro; estranho, unico incomparavel, indefinivel! Tem um systema de vestuario inteiramente differente d'aquelle que phantasiavamos.

Na sua lingua chamam ao ultimo objecto com que cobrem os hombros e o tronco — *jaleca*; ao que lhe fica por baixo — *collete*; ao que lhe cobre as pernas — *calças*; aos que lhe defendem os pés — *sapatos*.

Em cima do corpo trazem uma vestimenta de linho ou de algodão, com mangas, a que chamam — *camisa*; e outra que conhecem pelo nome de — *ce-roulas*. Reconhecemos tambem que fazem mais uso da agua do que os habitantes de Portugal. Empregam-n'a para lavarem a cara, o pescoco, todo o corpo enfim. Espera-se introduzir este utilissimo systema entre os portuguezes!

Ignoram todo o movimento d'uma secretaria d'estado e todo o machinismo d'uma eleição. Os portuguezes tem muito que aprender com os indigenas da serra da Estrella. São doceis e são aflaveis.

Para todas as pessoas que encontram tem um movimento respeitoso, que consiste em tirarem da cabeça uma cousa a que chamam *barrete* e saudarem respeitosamente. Admirados d'isto, indagámos a historia e vimos que ha dois seculos entre nós se fazia o mesmo, mas que agora já está banido esse acto!

Tem entre si uma constituição digna. Cada indigena escolhe uma mulher a quem ama; casa, tem filhos, e passa a existencia a trabalhar para a sua familia, respeitandoo-a, defendendo-a, elevandoo-a, tornando os filhos dignos pelo trabalho, para mais tarde serem ou boas esposas, ou bons maridos. Respeitam a sua lei, submettem-se ás suas auctoridades, e a religião para elles toda fervente, toda espontanea,

elevando-se com um canticó mysterioso para Deus, na grande sinceridade d'uma consciencia rude e austera, reanima-os, vivifica-os, e torna-os dignos. Em Portugal está isto ainda desconhecido, na verdade!..

As descobertas tem sido enormes. A botânica, a zoologia, a mineralogia, tem recolhido cousas primorosas. Pelo que toca á primeira sciencia, os homens eruditos andavam ha muito para encontrar o exemplar da arvore em que se enforcou Bertholdo, e a que o publico chamava *sigurelha*. Pois amigo! Na horta de um indigena encontrou-se, com grande espanto nosso, a *sigurelha* que os indigenas aproveitam não para se enforcarem nos seus ramos, mas — para temperarem a panella!

Esta descoberta n'uma região perfeitamente inexplorada deixa antever grandes descobertas de estudos curiosissimos.

Uma aventura para concluir.

Uma d'estas tardes, um de nós, fazendo-se perceber por accionados e gritos, estabelecia uma conversa com um indigena forte e robusto, sobre a organização politica do paiz.

O indigena estava satisfeito, tinha acabado de jantar, e tirou da algibeira uns fios cor de mel, molles, humidos. Depois tirou a capa secca de uma massa-roca de milho, envolveu n'ella os fios, e apertou isto entre os beiços.

O nosso explorador estava deveras admirado. Ia fazer uma nova descoberta. Depois tirou da algibeira como que um trapo desfiado e cinzento, collocou-o n'uma pedra, friccionou-a com outra, levou-o aos beiços e acendeu o pequeno rôlo de palha de milho.

Feito isto começou por chupal-o, apertando-o com os dedos e lançando pela boca e pelo nariz rolos de um fumo acinzentado. Era verdadeiramente extraordinario! O espectáculo a que o nosso explorador assistia deixava-o vivamente maravilhado.

O indigena disse que aquillo era um fumo agradável, que sabia bem a qualquer hora, mas especialmente em cima do jantar, chamando-se o rolinho — *cigarro!*

Este então fez alguns *cigarros* e offereceu-os aos exploradores. Ao principio houve como pôde imaginar grandes hesitações. Seria uma insidia? Iriamos nós todos morrer envenenados? Sousa Martins, porém, promptificou-se ao sacrificio e chupou o rolinho!..

Viu os effeitos que lhe produziu no cerebro, que é a parte mais immediatamente atacada e achou n'isso um prazer extraordinario.

Era noite já. Fazia um luar delicioso inundando como que a luz electrica toda a região da serra. Junto do acampamento ha muito musgo e uma extensão plana e agradável.

Pouco tempo depois todos nós chupavamos os taes rolinhos de palha de milho, e foi tal a impressão que sentimos com os *cigarros*, que em pouco nos rebolavamos no musgo, deitando fumaças para o ar e caindo nas phantasias ardentes do hachichi, com toda a embriaguez oriental.

Vamos fundar em Portugal — esta industria!

JOAQUIM OUSADIA.

ATRAVEZ DA SIBERIA

AVENTURAS EXTRAORDINARIAS DE TRES FUGITIVOS

POR

Victor Tissot e Constant Améro

(Continuado de pag. 208)

XIV

Aos olhos de todos estendia-se uma interminavel planicie, não com perspectivas luminosas, mas com

uma tal uniformidade n'aquelle lençol branco, cujo centro parecia sempre ser occupado pelas nartas, que os viajantes bem poderiam julgar-se immobilizados, se não ouvissem o ruido dos cascos das rennas batendo na neve, e o ranger dos patins dos trens.

Atravessaram varios lagos gelados, e entre elles o grande lago de Orinkine. O acampamento, depois do primeiro dia de viagem em nortas, fez-se em cima de um d'aquelles pantanos eternamente gelados em baixo da sua superficie, e que se designam com o nome de «tundras». Aqui e alli vegetavam alguns pinheiros rachiticos, deformados, cujas raizes, por não poderem penetrar no solo endurecido, torciam-se fóra da terra.

O segundo dia annunciou-se por um frio secco. Pozeram-se a caminho os viajantes, conservando-se cautellosamente a distancia de alguns pontos habitados em que ha estações de cossacos, onde seria difficil dar explicações convenientes sobre o motivo d'aquella digressão por entre o Indiguirka e o Kolima, com um tempo tão aspero e rigoroso.

De repente um cossaco, guiando um pequeno trenó muito leve, puxado por muitos cães, cruzou as nortas, como um relampago. Tinha um aspecto extraordinario o tal cossaco, com a sua lança ao hombro, e o seu barrete de pelle enterrado até aos olhos. Parecia escarranchado sobre uma cadeira de ferro de pernas para o ar, puxada, contra a vontade d'elle, por uma duzia de cães. Era um correio expedido pelo commandante de uma estação estabelecida ao norte da planicie que os fugitivos atravessavam parallelamente aos montes Stanovoy-Grebeta, onde nasceu o Indiguirka, o Kolima e o Omolone.

O cossaco, depois de ter passado pelas duas nortas, retrocedeu, dando mostras de querer alcançal-as, o que obrigou Yegor e Lafleur a ordenarem aos seus cocheiros que corresse quanto podessem.

Tanto pareciam querer fugir, que excitaram a curiosidade do cossaco. Tinha vontade de ver bem a cara d'aquelles viajantes, tão apressados, que, ao revez do que succedia sempre n'aquellas paragens, evitaram fallar com as pessoas, que por um feliz acaso, encontravam.

Em menos de cinco minutos, apanhou as nortas, e Yegor e os companheiros tiveram forçosamente de entabolar conversação.

— Boa viagem é o que lhes desejo, meus senhores! disse o cossaco. Querem um conselho? Andem um pouco mais para a esquerda, se não querem deixar de passar pelo *ostrog* de Verkue-Kolinsk.

O *ostrog* era a estação, d'onde fora expedido o cossaco.

— Elles não vão para o *ostrog*! disse Yermac.

— Então para onde vão elles? perguntou o cossaco mais espantado do que nunca; pois não comprehendia que se deixasse de parar n'uma d'aquellas estações, consideradas como um refugio precioso para os que são obrigados a atravessar aquellas vastas solidões.

— Teem os seus passaportes em regra? perguntou elle a Yegor, que, sabindo da sua norta, dirigiu-se para elle.

— Sim, temos, respondeu Yegor. Se estás encarregado de os verificar, eu tos mostro com o maior prazer. Mas, isso de que serve, se tu és um ignorante?

— Não sou tanto, como pareço, replicou o outro: fui encarregado de levar ás estações vizinhas informações sobre vernaks evadidos de Yakutsk. São... E o cossaco principiou a contar os viajantes — são (quatro apesar d'isso elle vira cinco); e os signaes

que trago, são tão conformes com as suas pessoas... que sou obrigado a dizer-lhes que venham cumprir-metar o esaulé.

O cossaco julgava talvez ter feito uma bella captura, e isso sem remorsos, sem uma sensibilidade falsa; porque o desprezo pelos deportados é tão grande, que a gente do paiz repete o seguinte aphorismo popular: Quem mata um esquilo, tem uma pelle; quem mata um vernak tem tres: o casaco, a camisa e a pelle do homem.

Yermac ia tomar a palavra; mas o parisiense antecipou-se.

— Deixa estar que não recusamos, disse elle ao cossaco, e se quizeres mostrar-nos o caminho, seguir-te-hemos de boa vontade. O meu estomago está mesmo a chorar por alguma coisa quente... Lá no *ostrog* cosinha-se bem? Parece-me que os meus companheiros não desgostarão de tomar agora um caldo de pemnicau¹ e um pastel de caça.

O sr. Lafleur pronunciou estas phrases n'um tom despreoccupado, fazendo um signal a Yegor para mostrar-lhe a impossibilidade de fugir ao convite expresso do cossaco.

Yegor tomou novamente o seu lugar, depois de ter consultado a physionomia do chefe de policia. Este parecia absorvido em profunda meditação, cujo objecto era facil advinhar. Se não fora a presença de Yermac, Yegor teria certamente empregado os meios de corromper o cossaco; mas uma tentativa d'esta ordem, contra a qual se insurgiria o zeloso empregado do czar, era cheia de riscos e perigos.

Nadège estava como que desfallecida com a intervenção do soldado; Ladislau tinha já os olhos banhados de lagrimas. Yegor disse-lhes palavras de conforto e de coragem, e ordenou a Tekel que seguisse o trenó do maldito cossaco, que viera transtornar-lhes a viagem.

Partiram as tres nortas. O cossaco divertiu-o alguns momentos vendo quaes os animaes, que sobrelevavam aos outros em velocidade: se os cães ou as rennas. Tekel e o seu amigo Chori enthusiasmaram-se, e acceitaram o repto, correndo quanto podiam; de sorte que em menos de um quarto de hora chegaram todos ao *ostrog*. Yegor nem sonhava como poderia arrastar com a desastrosa eventualidade, que se lhe apresentava.

O coração pulsava-lhe com violencia.

O *ostrog* era uma pequena fortaleza em ruinas, com muralhas formadas de bem travadas vigas. Apesar da antiguidade da construção, existia ainda em cada angulo uma pequena torre quadrada; era tudo circumdado por uma estacaria grossa e forte. Era um fragmento das antigas fortificações do seculo XVII, destinadas a proteger os russos contra as excursões dos indigenas.

Ao lado do *ostrog* demorava um pequeno burgo, cujas habitações conservavam-se desertas todo o verão. Era uma das mais afastadas estações n'aquella região septentrional. Na fortaleza havia dez cossacos commandados pelo esaulé. Graças a esta força armada, o official do czar podia cobrar a força o imposto das pelles — «yasak» — quando os nomadas do districto o não pagavam espontaneamente.

Yegor e os companheiros foram levados á presença do esaulé, que habitava a maior casa da povoação. Era um russo já velho — uma raposa encanecida na sua toca — talvez um funcionario demittido e condemnado a degredo em regiões longiquas... Era necessaria muita presença de espirito deante de semelhante homem: Yegor revestiu-se de toda a que ti-

¹ Extracto de carne.

nha. Lastimou o convite feito á mão armada por um dos soldados do ostrog, afirmando que estava habituado a maior consideração e respeito.

Lafleur julgando que o seu amigo tratava a questão com demasiada altivez, tomou a palavra.

— Ora, deixemo-nos d'isso, exclamou elle; o desejo de comer algum petisco concorreu mais para que viessemos cumprimentar o nosso esaule, do que tudo quanto disse aquelle abominavel cossaco. Tenho fome, tenho sede: preciso de alguma cousa quente para o estomago, disse elle, dirigindo-se ao esaule.

— Não faziam tenção de parar aqui? perguntou este; não queriam comprar alimentos nem mudar de rennas? (Só este official, omnipotente no districto, podia permittir a compra de rennas e de viveres).

— Trazemos; disse Yegor, tirando do peito o *plakaty*, que elle proprio passára.

— Vejamos! exclamou o official.

Tomou o papel sellado, leu, releu, virando-o e revirando-o nas mãos, e encarando o fugitivo de um modo assustador.

(Continua.)

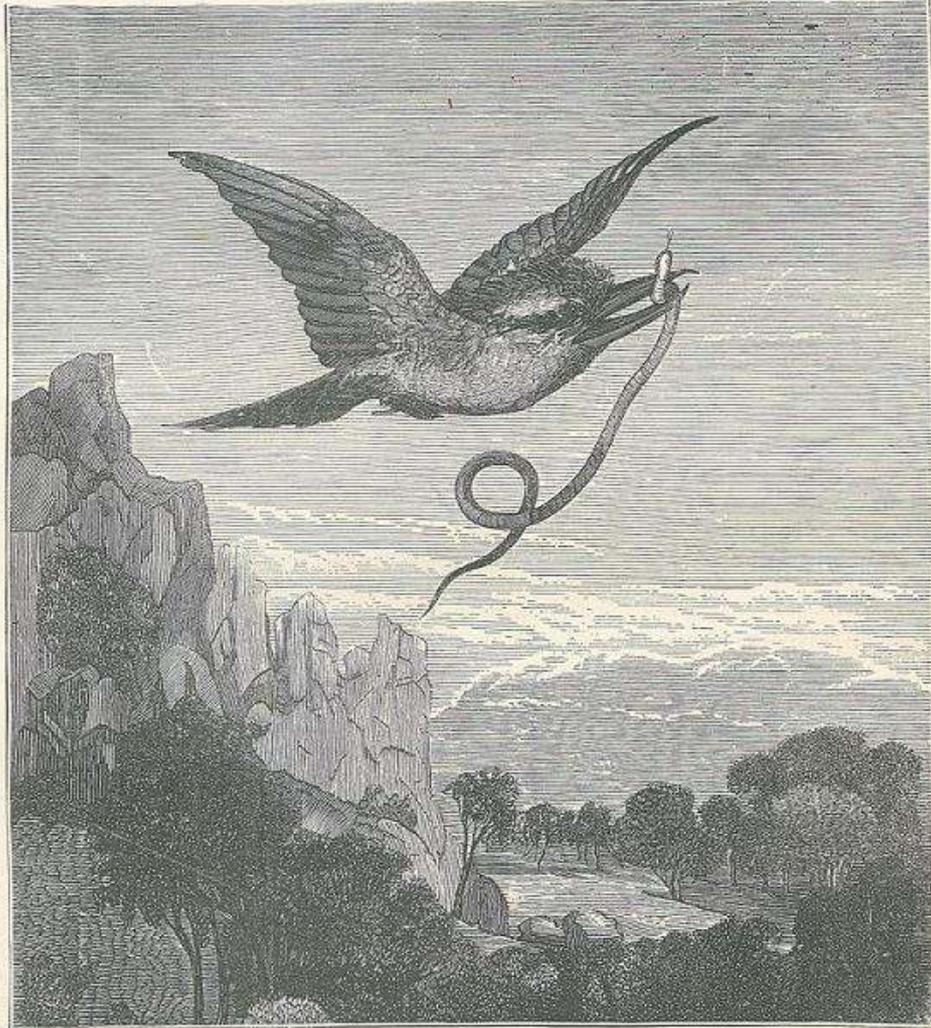
CORRESPONDENCIA

Sociedade da Esquina. — Pareceram-nos demasiadamente facéis os seus *zig-zags* e o seu problema historico. Não démos aos *Pierrots* tão bom jogo que elles ganhem a partida sem matutar o seu pedaço.

desdenhosos, o outro é rachítico e por isso os escriptores são rachíticos. E acabou-se a historia, que está escripta, podemos dizel-o, com uma orthographia evidentemente assyria. E tivemos nós a paciencia de decifrar os caracteres cuneiformes d'esta assyriologia de pechisbeque! Ora valha-nos Deus!

Vanier de Saint-Paul. — Não sabemos realmente como lhe havemos de dizer que achámos a *Lenda cordovez*, que traduzio, de uma grande banalidade. Houve um tempo em que esteve muito em voga esse genero. As *Orientaes* de Victor Hugo fizeram andar a cabeça á roda a todos os nossos poetas, e como nós temos o defeito de ser um paiz essencialmente imitador, quando Antonio de Serpa escreveu a *Gregga*, começaram a apparecer por toda a parte harens, sultões, odaliscas, alfanges, umezzins, um inferno.

Em proza era-se igualmente victima da febre oriental. No *Jardim Litterario* ferviam os Alis, e era de ri-



O DESTRUIDOR DE SERPENTES

— Vimos de Yakutsk, respondeu Yegor; mas as rennas, que nos trouxeram de Zachiverok não estão ainda caçadas, e temos abundancia de viveres.

— Para onde vão?

— Para Nijni-Kolimsk; esta menina e o irmão... são filhos do seu collega, o esaule d'aquella cidade; o pae esta muito mal... e eu vou acompanhá-los para se despedirem d'elle.

— Ah! Tumanoff está muito mal? Não ouvi dizer nada! disse o velho official. Sei que tem um filho e uma filha em Yakutsk...

— São estes dois, respondeu Yegor, corando por ter de mentir.

O esaule notou-lhe o rubor e a manifesta confusão.

— Trazem os seus passaportes?

Lenda. — É assombrosa, palavra de honra. Passa-se no tempo de Semiramis. A torre de Nesle d'essa Margarida de Borgonha da antiguidade está sendo demolida por um temporal. Dois desconhecidos, que caminhavam ao acaso, entram no arruinado monumento, e encontram aos pés de um esqueleto dois livros encadernados provavelmente em *chagrin*, um d'elles intitulado o *Escriptor*, o outro o *Leitor*. As pedras que a tempestade derruba quasi que esmagam os curiosos. Vem a justiça, a saber, o juiz da comarca de Ncnive, e com elle uns facultativos. Como não sabem o nome dos homens, chamam-lhes a um o *escriptor*, a outro o *leitor*. Os facultativos, que não sabemos se eram homoeopatas, tratam aquelles dois patetas, que, depois de curados, se vão embora. Casam, um tem muitos filhos, outro poucos. O que tem muitos filhos é o *leitor*, o que tem poucos é o *escriptor*. O primeiro é homem de genio desdenhoso, e por isso os leitores são

gor a captiva christã com uma cruz ao peito e um punhal no cinto. O sultão, baboso por ella, menos a tratava pelo seu nome e dizia-lhe: Christã! tu és esbelta como a gazella.

Fazia-se uma assombrosa despezas de gazellas n'esses bons tempos. Ninguém sabia o que era, e por isso estava muito em voga essa comparação.

Essa moda passou e vieram outras que não são melhores. Acabaram as escravas christãs, e os sultões apaixonados, e hoje preferem-se um assassino, uma adúltera e um larapio. Não gostamos tambem, como sabe, mas em todo o caso li com os sultões convencionaes, e com as caseravas de papelão sempre embirramos desde crianças. O seu Abd-en-Rhaman fazia um figurão no *Jardim Litterario*, no *Jornal de Domingo* não entra elle senão por cima do nosso cadaver.